

O novo e a tradição em *Riacho Doce*: entre o pertencimento e a ruína

The new and the tradition in *Riacho Doce*: between belonging and ruin

Elisa Domingues Coelho*

*Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP, Araraquara- SP, 14800-901, e-mail: elisadcoelho@gmail.com

RESUMO: *Riacho Doce*, junto a *O Moleque Ricardo*, *Pureza*, *Água-Mãe* e *Eurídice*, compõe uma parte da obra de José Lins do Rego que escapa às tradicionais leituras dos ciclos, da memória e do regionalismo. Esse romance, em particular, sofreu ainda maior ataque da crítica, que leu, no protagonismo do estrangeiro, uma tentativa fracassada do autor de inovar e escapar ao rótulo de memorialista. Este artigo, a partir da análise do romance, procura expor como José Lins do Rego, ao trazer uma protagonista estrangeira e dedicar toda a primeira parte da história à sua infância na Suécia, inovou sim, mas para operar uma complexificação dos elementos que unem sua obra e inseri-los em uma longa trajetória do pertencimento que une o nacional e o estrangeiro, a tradição e o novo. Por meio dessa trajetória da protagonista Edna, vemos a terra como eixo organizador do romance, desde sua profunda crise do não pertencimento na juventude até sua perspectiva, perante o novo, atravessar o mar e invadir de cheio o conhecido conflito entre tradição e mudança, dotando-o de um novo olhar. Dedicando uma leitura atenta, como o fez Mário de Andrade, podemos perceber como esses elementos constroem um emaranhado de trajetórias e perspectivas em que a terra, a tradição, o novo, o estrangeiro e a busca por pertencer ou deixar de pertencer se aproximam, afastam-se e, por fim, confrontam-se.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; Modernismo; José Lins do Rego.

ABSTRACT: *Riacho Doce*, along with *O Moleque Ricardo*, *Pureza*, *Água-Mãe* e *Eurídice*, composes a part of the work of José Lins do Rego that escapes the traditional readings of cycles, memory and regionalism. This novel, in particular, suffered an even greater attack from criticism, which read, in the protagonism of the foreigner, a failed attempt by the author to innovate and escape the label of memorialist. This article, based on the analysis of the novel, seeks to expose how José Lins do Rego, by bringing a foreign protagonist and dedicating the whole first part of the story to her childhood in Sweden, has indeed innovated, but to operate a complexification of the elements that unite his work and insert them into a long trajectory of belonging that unites national and foreign, tradition and new. Through this trajectory of the protagonist Edna, we see *land* as the organizing axis of the novel, from her deep crisis of non-belonging in youth to her perspective, facing the new, crossing the sea and invading full the known conflict between tradition and change, endowing it with a new look. Dedicating an attentive reading, as Mário de Andrade did, we can see how these elements construct a tangle of trajectories and perspectives in which earth, tradition, the new, the foreigner and the search to

belong or not to belong come close together, come apart, and, eventually, confront each other.

KEYWORDS Brazilian literature; Modernism; José Lins do Rego.

1. UM ROMANCE FORA DO LUGAR

Na obra de José Lins do Rego, *Riacho Doce* talvez seja o romance que mais foi lançado à sombra por um entrecruzamento de interpretações já consolidadas de sua ficção: o caráter memorialista e a organização sob o princípio do ciclo. Essa última, que talvez tenha sua mais finalizada sistematização na análise de Castello (1961), estabelece não apenas o ciclo da cana-de-açúcar, como um “ciclo do cangaço, misticismo e seca” (BUENO, 2006, p. 465) composto por *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, o que relega a uma típica categoria de obras “fora do lugar” *O Moleque Ricardo*, *Pureza*, *Riacho Doce*, *Água-Mãe* e *Eurídice*, que não podem ser encaixados nessa leitura e foram classificados como “Independentes” (BUENO, 2006, p. 465).

Não é de se estranhar essa estruturação feita pela crítica, afinal trata-se de uma década em que se esforçou sobremaneira para eleger representantes de uma nova literatura nacional. Portanto, uma tentativa de fazer da obra de Zé Lins um projeto literário programático, fechado e bem realizado do regionalismo não carece de maiores investigações, é uma atitude crítica coerente com o espírito modernista e que, como tantas outras, também trouxe perdas para a tradição literária.

A maior expressão das limitações interpretativas de determinadas épocas – como ocorreu com personagens femininas como a protagonista de *A Carne*, totalmente execrada pela crítica – é a incompreensão em que certas obras, fincadas nesse terreno, permanecem até que os críticos futuros resolvam revisitá-las. Essa foi a sorte de todos esses romances independentes do autor, alguns simplesmente por fugir ao esquematismo da interpretação cíclica, outros também por fugir ao viés memorialístico e serem tidos – em uma acepção normalmente pejorativa – por uma tentativa de José Lins do Rego de se provar um “ficcionalista de verdade”, termo que, por si só, já resume toda essa problemática.

Nesse vale das sombras, *Riacho Doce* recebe um menosprezo ainda maior por ter sido o voo mais alto do autor ao ambientar a primeira parte do romance na Suécia. Elemento que, ao ser criticado, parece ter sido recebido como a mais alta traição a esse

enquadramento em que o autor fora colocado – como um memorialista de sua terra –, o que aparentemente tornava um disparate fugir à ambientação de seus primeiros romances.

Todos esses movimentos críticos consolidam e explicam o lugar que esse romance parece ter ocupado no conjunto de sua obra: como uma tentativa de ser um outro Zé Lins, fugindo às características que a uniam e faziam dele o grande ficcionista do Nordeste. Um bom exemplo é o que disse Afrânio Coutinho em rápida passagem a respeito:

Riacho Doce é a pior obra do autor, que leva mais longe a pretensão de mostrar não ser memorialista apenas, mas um escritor imaginativo. Para isso, consome a primeira parte da obra descrevendo a formação dos filhos de um casal sueco, vivendo em uma sociedade escandinava. E isto tudo porque um dos seus membros viria casado para Sergipe. (COUTINHO, 2004, p. 360)

A má vontade do autor é representativa de toda uma crítica que parece ter enxergado esse romance sempre a partir de uma leitura bastante problemática que contrapõe memória e ficção, como se uma não pudesse servir de substrato legítimo para a outra. Questão bem abordada por Mário de Andrade em sua crítica sobre o romance, aparentemente o único a ter um outro olhar e mostrar uma leitura mais atenta e perspicaz quando fala que “*Riacho Doce* não repete nenhuma das obras anteriores do seu autor, mas repete Lins do Rego em tudo quanto faz o romancista que ele é.” (ANDRADE, 1972, p. 137).

O que o crítico enxergou na economia da obra – e os demais parecem não ter compreendido ou querido compreender – é um alargamento de perspectiva, uma multiplicação de tensões ao redor do signo da decadência e do conflito entre passado e modernidade, tensão essa que se alastra por toda a obra do autor e que serve muito mais de elemento de coesão de sua ficção do que qualquer princípio cíclico que ela poderia conformar.

2. A TERRA E O PERTENCIMENTO: EIXOS ORGANIZADORES DO ROMANCE

Dividido em três partes (“Ester”, “Riacho Doce” e “Nô”), o romance é ambientado, em sua primeira parte, na Suécia e, nas seguintes, em Riacho Doce, mostrando a protagonista desde a infância desgarrada de sua terra, em profunda crise identitária, o que

se intensifica com a chegada de uma jovem professora, Ester, personagem que funciona, desde o início, sob o signo do lugar da felicidade, como referência de uma outra cultura, outro povo, outra terra.

Seu sentimento de apátrida segue por sua vida adulta, quando se casa e, como ocorrera com sua família, também não consegue se ligar ao marido Carlos e vê, na oportunidade de viagem para Riacho Doce, o antigo sonho de pertencimento se realizar nesse novo lugar. Assim acontecerá, a princípio, e será na sua filiação e pertencimento à nova terra e, como fator último e definitivo, no envolvimento amoroso com Nô, neto de Aninha (grande matriarca daquela sociedade e representante da tradição), que morará o complexo de tensões, o qual, em seu ápice, retirará a protagonista de seu novo lugar para retornar à impossibilidade de pertencimento, que atravessa o romance em suas três tentativas: Suécia, Riacho Doce e Nô.

A referida ambientação de toda a primeira parte na Suécia é, ao contrário do que afirma Coutinho, absolutamente coerente ao projeto literário do livro, composto pelas três partes referidas acima. Assim, na medida em que enuncia a problemática que será o fio condutor da história, insere esse romance em uma questão presente na obra de José Lins do Rego desde *Menino de Engenho*: a busca pelo pertencimento, oriunda de uma crise da identificação com sua própria terra.

Dessa forma, essa parte inicial do romance não só prepara a inserção do elemento do estrangeiro no conflito entre futuro e passado, tão caro ao romancista, como constrói a protagonista em uma profunda crise de pertencimento. Afinal, Edna, ainda pré-adolescente, já vive deslocada em sua terra e em sua família até que a professora Ester passe a atuar como sua mentora.

Todavia, ao lhe ensinar, a mestra não atua como pacificadora desse conflito, ao contrário, ela só acentua o isolamento que a protagonista sente junto aos seus quando se torna sua ligação com um outro mundo: “E só a ela que amava no mundo. Só a ela, só à mestra de cabelos pretos ela amava. O mundo inteiro era a mestra que se ia embora.” (REGO, 1961, p. 365).

Ester tinha cabelos pretos, que empalideciam ainda mais os de sua mãe. Essa característica física é emblemática, pois constrói a identidade, denota sua origem e, por isso mesmo, surge como uma afirmação imperiosa dessa busca identitária que faz crescer esse outro mundo às custas de apagar o seu, intensificar o não-pertencimento.

Isso se torna uma questão tão profunda e passa a ser a única ligação da menina com a vida a ponto de, ao tomar conhecimento de um namorado da mestra, sentir ameaçado

não apenas seu único laço com o mundo, como ele próprio. Ester era esse novo mundo e, portanto, quando julga que também esse pertencimento não lhe era possível, Edna tenta se matar.

Se fosse restrito à incompreensão das relações humanas, o drama do pertencimento poderia ser outro, seguir caminhos vários e de fato destoar do funcionamento do restante da obra de Lins do Rego e, portanto, a crítica feita por Coutinho se justificaria. No entanto, a terra toma de cheio toda essa primeira parte do romance, é dela que irradia esse desolamento: Edna não se identifica, não se sente ligada à sua terra; ao contrário, ela almeja uma outra terra como seu reduto de felicidade e paz interior; a força da relação com Ester vem da terra, assim como o desencontro que culmina na tentativa de suicídio também.

Ela não sentia nada. Aquele campo era a mesma coisa de sempre, ora coberto de gelo, triste, pesado, ora assim florido, sem nada de mais. Desde que se entendia por gente que via aquilo. No meio das tulipas passava Nicolau com a vaca velha para matar. O campo era a sua casa, os seus porcos, a velha Elba. E Ester, como os poetas, falava daquela beleza. Não podia sentir aquele entusiasmo e botava para a sua incompreensão das grandes coisas do mundo. (REGO, 1961, p. 391)

O contraste entre a frieza e a infelicidade da Suécia e o calor e a felicidade do clima tropical é construído desde o início como esse elemento organizador da crise de Edna. Na juventude, é marcado pelos cabelos negros de Ester e da boneca espanhola, pela qual sentia tal fixação que, em sua mente pueril, ganhava vida e se tornava uma entidade.

Quando adulta, os cabelos se transformam nas terras tropicais como esse ideal de felicidade que se contrapunha à infelicidade das terras geladas da Suécia. Essa imagem retorna ciclicamente sob esse signo, quando recebe notícias da antiga mestra – e ela fala de sua felicidade na Argentina – e quando o marido recebe a proposta de emprego no Brasil.

Dias e dias se passaram após a chegada da carta. Ester desaparecera como por encanto, mas uma coisa maior, mais intensa de proporções, se criara para Edna. A terra da boneca de Norma, o claro país de sol, das flores, da música doce, aparecia: surgira para ela como um último recurso de seus sonhos. (REGO, 1961, p. 406)

O motivo da terra é construído, assim, através desse recurso que perpassa todo o livro: a repetição. Repetidamente, ao longo dessa primeira parte, a Suécia é lugar de infelicidade e isolamento e a terra tropical de seus sonhos projeta essa felicidade que tudo resolveria. Portanto, quando surge a proposta de trabalho para o marido de Edna, que os levaria até Riacho Doce, não é apenas a possibilidade de mudança que alegra a alma da

protagonista e faz com que vivam a melhor fase da relação do casal, é a possibilidade d' A felicidade. É, assim, o fim da peregrinação de seu desajuste e mal-estar, é Ester, é a boneca espanhola – seu reduto de alegria e bem-estar – que figura nesse novo lugar, uma nova chance de pertencer a esse novo mundo, que descobrira para nunca mais ser capaz de pertencer à sua terra.

Edna se rejubilou com a notícia. Há tempos que uma alegria assim não a dominava inteiramente. Quase que não dormiu. Nessa noite o corpo de Carlos confundiu-se com o seu. O amor chegou para eles como há muito tempo não vinha, com a satisfação de quem estabelecia uma paz duradoura. (REGO, 1961, p. 417)

A perspectiva do novo surge aqui como uma espécie de idílio da felicidade: era a terra que era contrária a tudo que conheciam e, portanto, para Edna, era tudo que era oposto à sua agonia de se sentir uma pária em sua própria terra, tinha de ser felicidade, portanto. Para seu marido Carlos, surgia como a velha promessa do “novo mundo” e a resolução para o problema da esposa, o qual ele não via e, por isso, não podia resolver, mas o sentia como um muro invisível entre os dois.

O período em que se preparam para a partida e viajam até Riacho Doce é um momento raro na obra de Zé Lins em que se tem o novo como uma potencialidade de felicidade. Essa é uma das grandes transformações que a inovação de perspectiva desse romance traz: o novo é visto sob o olhar dessa estrangeira, estrangeira antes mesmo de chegar ao Brasil, pois ela já o era em sua própria terra.

Para ela, a ameaça é permanecer, permanecer estrangeira, permanecer apátrida. Quando a tradição passa a ser vista como condenação e o novo como esperança, estamos no novo também em José Lins do Rego. A viagem é o momento em que essa perspectiva viaja junto com a personagem, é um momento de transição, um hiato na sua condição de estrangeira já que ela não está mais em sua terra nem chegou à nova – quando voltará ao não pertencimento –, é apenas uma viajante, ela pertence e compartilha desse *status* com todos.

A viagem gesta, portanto, essa bem-aventurança do novo e sua potencialidade da esperança de uma terra à qual possa pertencer e esse sentimento é essencial para a economia do romance. Isso para, no capítulo seguinte, Riacho Doce ser introduzido em uma sucessão de tentativas desse mesmo novo, que constroem uma visão a que estamos habituados na obra de Lins do Rego, o novo como ameaça.

3. RIACHO DOCE: A TRANSFORMAÇÃO DO NOVO PELA TRADIÇÃO

Essa inversão virá com a introdução da perspectiva da velha Aninha, “Velha sábia, de poderes estranhos, de coração duro.” (REGO, 1961, p. 431) e essa potencialidade do novo, que antes era esperança, é transfigurada em “uma malvadeza do diabo” (REGO, 1961, p. 431): “a velha tirava o cachimbo da boca, cuspiu de lado e sorria, com aquele sorriso que encerrava uma sabedoria, uma compreensão misteriosa das coisas” (REGO, 1961, p. 431), esse é o gesto que ela repete perante o novo enquanto os moradores se animavam com as mudanças vindas com a presença do Governador e, depois, com a fábrica da Saúde.

Repetidamente as mesmas mudanças, repetidamente o mesmo entusiasmo do povo, repetidamente a mesma descrença que beirava a maldição daquele estranho saber das coisas; repetidamente sua sentença se cumpria, o novo sucumbia ao velho e tudo retornava ao que era antes. “A água doce, boa de se beber, boa para banho, que fazia espuma no sabão, continuava dando febre, botando gente para tremer.” (REGO, 1961, p. 437), essa é a fala que se repete num território intermitente de uma profecia que não se decide por benção ou mau agouro. É ela que afirma ser a desgraça, naquela terra, não a miséria para a qual sempre retornavam, e sim a ameaça do novo¹ que se renovava para ruir.

O povo de Riacho Doce vive nessa intermitência, festeja as melhorias, mas desconfia desse futuro e das mudanças que o outro traz, desconfia de que nele não haja espaço para o passado. Mas Aninha e sua estranha sabedoria não hesitam. Nela, essa terra que vive sob o signo do passado ganha vida e se defende.

Edna e Aninha são, por princípio, antagonistas, afinal, a primeira é a voz ativa da tradição, da permanência, enquanto a segunda é o estrangeiro que vem como porta-voz do futuro. Seria, portanto, de se esperar seu confronto. Mas – e aqui se segue a presença da terra como elemento de coesão do romance – a ameaça não era qualquer estrangeiro, mas aquele que interferisse em sua terra. Sendo assim, quando o casal sueco chega em Riacho Doce, o perigo se materializa nele e nos demais que comandavam a escavação, essa nova empreitada da modernização.

¹ Na discussão do romance, veremos como o “novo” atua sob o signo da modernização, mas, principalmente, sob o signo da mudança, combatida a todo custo pela tradição que reafirma a todo momento que a sociedade do Riacho Doce não tem lugar no futuro, cuja semente parece estar contida em toda e qualquer mudança, como a presença do Governador, ou a modernização, como a fábrica da Saúde e a escavação em busca de petróleo, comandada por Carlos, marido de Edna.

Havia alguma coisa mesmo por ali. A velha Aninha botava para o diabo. Coisa do diabo. Mexer nas profundezas da terra, furar, passar das águas, atravessar as pedras, furar, só podia ser encomenda do demônio. Era outra vez a tentação que chegava para eles. (REGO, 1961, p. 438)

Nessa configuração, a religião atua através dessa personagem como braço da tradição: ela defende o passado, a terra com sua pesca e suas febres, como era há 100 anos. É esse um passado que está longe de ser um tempo de bonança, é antes agonizante e decadente e, mesmo assim, terá, em sua representante, a defesa, pelo signo da fé, na permanência desse legado – dado por Deus para que aquela comunidade se sustentasse da natureza. É nessa defesa irredutível que morará também a demonização de toda e qualquer mudança que atue sob o signo do futuro e da modernização, tida sempre como ameaça e derrocada daquela comunidade:

A construção de “identidades defensivas” para proteger “um mundo em decadência”, conforme ocorre com sinhá Aninha, é recorrente nas obras de Lins do Rego. Em *Fogo Morto*, romance publicado em 1943, por exemplo, há a tentativa em “manter vivo” um mundo que caminha para a decadência iminente. O engenho Santa Fé representa todos aqueles que procuraram inutilmente resistir ao poder do desconhecido (representado pelas usinas). (VIEIRA; GAIOTTO, 2017, p. 10)

Como afirmam os autores, podemos reconhecer nessa configuração inicial do Riacho Doce um motivo recorrente da obra de José Lins do Rego. É interessante notar como, mesmo na luta travada em nome desse passado decadente, existe um equilíbrio entre passado e futuro desde que tudo permaneça no seu lugar, já que a ameaça trazida pela exploração de petróleo e a vinda do estrangeiro (estranhos à terra eram também o Governador e a Fábrica da Saúde) são acontecimentos cíclicos que Aninha olha com a certeza de sua falência. Essa estrutura de acontecimentos permite que, no desequilíbrio, haja o equilíbrio, desde que o povo de sua terra e os estrangeiros permaneçam no seu lugar, como é o caso da esposa do Dr. Silva: “Dona Helena estava no Brasil há cinco anos, e era aquilo que se via, alheia a quase tudo, falando mal a língua da terra, a tropeçar em dificuldades a cada instante.” (REGO, 1961, p. 447).

Para que essas personagens, representantes do velho e do novo, coexistam, é necessário, portanto, que o estrangeiro permaneça como tal e continue estranho à terra e à gente. Isso fica evidente no contraste com Dona Helena, que permanece nesse lugar de separação entre os seus e os da terra. Ela mal fala a língua, não se mistura com o povo e sua identidade permanece ligada à sua pátria; ela é quem representa a terra de origem,

que tenta se conectar com Edna. Desse modo, a primeira, também estrangeira e compatriota da protagonista, tenta fazer uma aliada, mas essa ligação é impossível de ser feita, pois elas não compartilham do mesmo pertencimento, há um abismo identitário entre elas: Edna sempre foi uma estrangeira, mesmo antes de sair de sua terra.

Assim sendo, para que a protagonista conseguisse se inserir nesse sistema em que “nacionais”² e estrangeiros coexistem em uma mesma sociedade que se cinde em duas totalmente separadas, sua identidade precisaria estar com os seus, ela precisaria ser como Dona Helena, “boa, mas de bondade que tinha um lugar à parte para se manifestar.” (REGO, 1961, p. 451).

Os primeiros meses de Edna foram assim. Um noivado com a terra. Tudo que a terra lhe dizia parecia a linguagem do eleito do seu coração. Terra boa, água morna, céu estrelado, lua doce, e coqueiros gemendo, e o canto triste e gostoso do povo. (REGO, 1961, p. 447)

Seguindo a trilha da boneca espanhola, de Ester, das terras tropicais que lhe chamavam desde a adolescência, Edna faz o caminho inverso e se encontra finalmente nessa nova terra. Em sua trajetória do pertencimento, ela cruza o muro invisível que separa as duas sociedades, pois torna sua condição de estrangeira na própria terra conhecida de todos ao se constituir como uma figura híbrida, pertencente a ambas.

Esse acontecimento opera um duplo movimento no romance, uma vez que traz um aparente equilíbrio entre Edna e a terra e, por consequência, entre ela e o marido. Essa sonhada harmonia, no entanto, desequilibra o estatuto de separação das vidas dos nacionais e estrangeiros:

A galega nova, como os praieiros chamavam Edna, para distingui-la da mulher do Dr. Silva, começou a impressionar fortemente os nativos. Há seis meses que chegara, e parecia mais antiga que a outra. Os pescadores gostavam de vê-la mar adentro, nadando como um peixe, correndo pela praia, de papo para o ar, aguentando o sol, tomando interesse pelas pescarias, naquela sua língua complicada perguntando as coisas, fazendo-se de amiga de todos. [...] A fama cresceu, e aos poucos as mulheres do Riacho Doce começaram a ver Edna de maiô sem susto. Só a velha Aninha permanecia com o seu ponto de vista. Aquela barata descascada era uma mandada do capeta. (REGO, 1961, p. 450)

Assim como os demais episódios de chegada do outro naquela sociedade, Edna goza de um estatuto diferente. Desse modo, todos a olham com certo espanto, e depois com simpatia, até se habituarem e gostarem do estranho que transpunha o limite e

² Termo usado pelo autor no romance.

modificava o Riacho Doce, o que vinha a reiterar sua sensação de pertencimento completo.

Aninha, os olhos do passado, no entanto, percebe que o equilíbrio estava ameaçado. Edna, como as máquinas que furavam a terra e os homens que a comandavam, carregava o ar demonizado de tudo que parece fora do lugar para a tradição que busca se manter inalterada.

Ela, no entanto, é diferente das máquinas e dos homens e, por esse atributo, permanecerá também em um campo duvidoso. Se Aninha a vê com a costumeira desconfiança, tampouco a julga com as leis que aplica ao seu povo e, por isso, ela pode transitar entre a desconfiança e a ameaça:

[...] A carne da galega era como carne de peixe: devia ser fria, e os homens dali não gostavam daquilo. Sinhá Aninha olhava para Edna sem medo e sem susto. Podia ela correr pelas praias, nadar, andar com os homens de jangada. O diabo não lidava com ela. [...] Mas Neco de Lourenço vira a sereia que tinha o corpo da galega com os cabelos louros de rainha boiando sobre as águas. (REGO, 1961, p. 456)

Edna se liga ao Riacho Doce pela terra, pertence a ela, é a única a que foi capaz de pertencer. Sua pele, no entanto, é de outra terra, outra gente. Todavia, por ser mulher não representa ameaça, são os homens que escavam a terra e a ameaçam; ela é perigo por se misturar à gente e, uma vez tendo sido demonizada, é vista como o perigo de tentação aos homens.

Se sua pele branca a mantém como estranha aos olhos da tradição, também a absolve da suspeita do pecado – ele só mora na pele morena dos trópicos –, dá a ela um lugar que foge a essa condenação. A crença de Aninha afirma que não há pecado na pele branca, no entanto, uma outra crença – a sereia de Neco de Lourenço – a coloca num território movediço, afinal, a sereia que encanta os homens e os carrega para a morte era branca e loira como ela e, portanto, ela, se não tinha a força do pecado dos trópicos, poderia ser esse perigo nórdico vindo das águas. A voz da tradição é mais forte e prevalece, mas a voz da cosmogonia do Riacho Doce sopra nas entrelinhas a dúvida, abala a convicção e Edna repousa nesse meio do caminho.

Peixe ou sereia, não importa no fim, o que salva momentaneamente a estrangeira é que sua relação com a terra só a coloca no lugar de desconfiança de Aninha porque foge ao lugar que lhe cabia, mas não a converte em ameaça. A tradição zela pela terra porque é dela que vem a vida que a compõe: aquela sociedade vivia do mar, era preciso defendê-lo por ele e o povo serem um só; a mulher não ameaça o mar, o petróleo sim, e, enquanto o não-lugar de Edna for o mar, ela não é o inimigo. Assim, se não há um exato equilíbrio

com esse atravessar da protagonista, há um desencontro que, mesmo frágil, permite que povo, terra, tradição, estrangeiro, mudança, tudo coexista em um conflito silencioso em que cada um confia em sua permanência e na derrocada do outro.

4. NÔ: O DESEQUILÍBRIO NO ENCONTRO

Nô, neto de Aninha e por ela “fabricado” como grande herdeiro da tradição, surge nessa configuração como o cruzamento fatal dessa disjunção: ele é o mar e, por isso, só a ele e a sua voz, que a chama com o calor dos trópicos, Edna pode pertencer. Mas esse não é o único pertencimento que o atravessa: ele não é só o mar do Riacho Doce, ele já se tornou maior que aquela terra, porque Aninha assim o fez e o tornou inatingível. Ele é o seu legado, pertence a ela e é o único que pode perpetuar a tradição já que carrega a voz do povo, que supera a terra e a água das febres dali.

[...] Da velha lhe vinha aquela fraqueza que ela pensava que era força, o poder dos poderes. Tinha o corpo fechado para bala, faca de ponta, febre e mulheres. Homem de corpo fechado, em que não entravam as desgraças nem a beleza do mundo. (REGO, 1961, p. 485)

Com corpo fechado, Nô pode viver sem nunca se alterar, é a personificação da tradição, sem a vulnerabilidade do Riacho Doce – sempre invadido pelo novo –, é, assim, o porta-voz perfeito desse passado que não pode impedir os estrangeiros e suas máquinas, mas pode garantir que permanecerá inalterado em sua essência.

A mudança, no entanto, vem de dentro, é na psicologia das personagens que vemos as peças dessa complicada dinâmica social ganharem movimento: Edna passa de estranha à terra ao pertencimento; Nô passa da solidez e confiança em sua intocabilidade para o desconforto, o anseio por sentir a vida. Aninha, guardiã da permanência, é por esses trânsitos modificada. Ela e seu neto estão ligados por uma promessa, não é um pacto porque não é consensual, ela o fabricou como seu futuro, não lhe deu a escolha, mas ele não quer permanecer o mesmo:

Em pequeno não sabia de nada. Amava-a, gostava dela, gozando as graças de sua proteção, de seus agrados, de sua ternura. E agora verificava que a odiava, que a temia, que era um instrumento nas suas mãos. Se ela morresse, seria um homem de verdade, de carne e osso, de coração mole, como todos os homens que conhecia. (REGO, 1961, p. 485)

Aninha “encerrava uma sabedoria, uma compreensão misteriosa das coisas.” (REGO, 1961, p. 431), assim como “No Riacho Doce tudo era o mesmo, tudo como há cem anos.” (REGO, 1961, p. 430). Para a terra e para o povo que seguia o mesmo, ela era a voz da sabedoria, alimentada da crença que tributa a Deus a permanência e, ao Diabo, a mudança, mas para quem quer se mover, mudar, ela é prisão.

E é nesse anseio que todos se encontram e rompem a linha tênue que os salvava do conflito: Nô quer se desvencilhar do passado e ser modificado pelo novo; Edna encontra nele o seu mar, passa a lhe pertencer e também a modificá-lo; ele não tem mais o corpo fechado, trai a avó ao se aliar ao novo e converte os dois em ameaça à tradição.

Aninha amava o neto “como se fosse o último filho do seu Deus.” (REGO, 1961, p. 502), ele é o trunfo para disputa do futuro, ele é todo o Riacho Doce e, por isso, ao tocá-lo, atingi-lo em sua mudança – que implodia a proteção da avó –, do seu estatuto da dúvida, Edna passa a representar a ameaça maior na batalha silenciosa travada pela tradição.

Ela, entretanto, permanece estranha a essa luta. Em sua busca pelos trópicos, julga pertencer ao Riacho Doce: seu corpo vive para o mar, o calor na praia e os braços de Nô, mas é uma ilusão. Edna nunca abandona suas raízes e, repetidamente, em suas crises, tenta retornar a sua cultura através da música; sua pele, seu cabelo, sua liberdade de correr nua pela praia e se misturar aos homens são também a marca de seu hibridismo. Ela nunca poderá atravessar, ficará sempre no caminho, porque seu pertencimento assim está, a tradição não aceita o novo e o novo não aceita a tradição.

A falta dessa consciência, todavia, fará com que ela permaneça alheia à luta travada por Aninha. Será Nô que receberá o conflito, porque, no projeto literário do romance, a disputa maior não repousa nas ações, mas na psicologia das personagens e, por isso, será o domínio do neto que ela disputará.

Ele enfrenta a avó, que o amaldiçoa, e a trajetória final do romance será a sua luta interna entre seguir para o futuro e retornar à crença no passado. Assim, repetidamente essa luta vai se travando na consciência do personagem, a princípio confiante “Não tinha medo. A velha caduca, a velha de miolo mole não teria força contra ele e Edna.” (REGO, 1961, p. 515), mas a superstição e a crença, aliadas da tradição, vão cercandoo, ele as enxerga por toda a parte “O pobre Nô não sabia para onde olhar. Um frio de longe entrara-lhe no corpo, que tremia. Era a voz de sua avó, a maldição, o corpo aberto para todos os perigos e males.” (REGO, 1961, p. 516).

Um encontro com Edna é a última batalha entre as forças que o disputavam e é também o momento da tomada de consciência de que, uma vez tendo seus caminhos cruzados naquela sociedade, não era possível escapar ao confronto: para um existir, o outro teria que ruir.

Depois Nô levantou-se. Edna via que não era o mesmo homem. Dentro dele andava outra vez o medo, caminhava soturno por dentro dele o medo da avó. E deixou que ele fosse. [...] Tivera naquela manhã a grande vida, o sopro de felicidade máxima, entregara o corpo aos seus maiores prazeres. O homem e o mar tinham ficado donos dela. Lavara-se de tudo, e crescera outra vez até Deus. E de repente o homem era de outra, era um frágil papel que o vento sacudia. Deus o tinha tomado dos seus braços. (REGO, 1961, p. 535)

Nesse momento derradeiro, no auge de seu pertencimento, ela percebe que só poderia assim permanecer se lutasse e aniquilasse o passado, mas, quando se dá conta, é tarde demais. Ela vê Nô se afastar com a certeza de que ele não mais lhe pertencia e, portanto, ela também não pertencia ao Riacho Doce, assim como não pudera pertencer a sua família e à família que constituíra com seu marido. A visão final dele como um papel levado pelo vento e um retorno à religião, ao Deus que tomara de suas mãos a única conexão humana de que fora capaz, é um encontro de consciências e o fim do ciclo.

5. A ILUSÃO DO PERTENCIMENTO: ENTRE LUGARES IMPOSSÍVEIS

Edna luta até o fim em sua ilusão de pertencimento; enquanto está com Nô no mar, sente uma elevação divina, até o seu Deus, atinge o paraíso tropical da paz que sonha desde que Ester lhe empurrara para a consciência de despatriada. Mas, no fim, é lançada à compreensão de que ele não era como ela, ele era de todo o mar, mas carregava em si a tradição de seu povo e era essa sua força; sua identidade era a sua voz, voz quente como o Riacho Doce.

A luta que trava contra Aninha é impossível de ser vencida, porque o seu lugar é impossível. Ela não está em nenhum lugar, pertence ao mar e recusa seu povo, liga-se a Nô como parte de sua ilusão de pertencimento, pois julga que ele está acima de sua tradição e pode transitar, assim como ela. No entanto, sua ilusão se perde porque ele se perde no meio do caminho, não pôde se ligar ao futuro nem retornar ao passado e está agora também em um lugar impossível:

Nessas obras, que a crítica subestimou como esforços menos felizes do autor escrever ficção intimista, não é difícil reconhecer traços fatalistas de quem viveu até o fundo o drama de uma decadência social e o incorporou para sempre à sua visão de mundo. (BOSI, 1990-95, p.452)

O desfecho que se dá, a partir dessa luta final, circunscreve o romance na visão da decadência que perpassa toda a obra de Lins do Rego, expressa nessa impossibilidade que se alastra a partir da falência de Edna em sua trajetória do pertencimento. Sua derrota irradia esse lugar impossível de passado e presente, pois absolutamente tudo são projetos falidos que sacrificam a dimensão humana no meio do caminho.

Nessa perspectiva, o destino final de Nô é a explosão de todas as tensões coadunadas na sociedade do Riacho Doce, um lugar que tem a confiança na permanência do passado e vitória da tradição por meio desse equilíbrio calcado na disjunção de forças sociais convivendo, mas jamais se cruzando. Quando isso ocorre, todas essas forças, nesse quebra-cabeça de vidro, explodem e se estilhaçam em ruínas por todos os lados, é a fatalidade da decadência social e humana.

Cheio de conflitos e tensões, desse romance não surgem vencedores. A decadência das produções de José Lins está presente, os personagens são corroídos e levados à destruição e ao apagamento. O Riacho Doce de Aninha, Nô, Neco, José Divina e tantos outros continua caminhando rumo ao fim, à ruína, à decadência. Talvez reste apenas a esperança de um novo recomeço representada pelo desaparecimento de Edna nas águas. (VIEIRA; GAIOTTO, 2017, p. 16)

À revelia do que a maioria da crítica viu nesse romance, o que nele se configura é um projeto ambicioso de um imbricamento de elementos na tensão que definiu a grande crise tematizada pela prosa modernista a partir de 30. Não há, todavia, apenas uma somatização de fatores na trajetória da decadência, presente desde *Menino de Engenho*, o que ocorre é o alastramento dessa impossibilidade social para a dimensão humana:

Em ‘Riacho Doce’ Lins do Rego nos dá a sua visão possante dos desequilíbrios sociais e dos dramas humanos individuais e coletivos, provocados pelo problema do petróleo em Alagoas. Tudo decorre deste trágico problema da nossa vida contemporânea. As marés sucessivas de entusiasmo, de desapego às tradições, provocados pelo engodo da riqueza, e das desconfianças supersticiosas e cóleras nascidas das desilusões naquela mansa terra de pescadores, são descrições de psicologia coletiva das mais vivas e reais que o romancista já fez. A psicologia de Edna, a fraqueza supercivilizada do engenheiro sueco, a mãe Aninha que é a melhor análise de psicologia supersticiosa já feita pelo romancista, são todos seres de vida empolgante. (ANDRADE, 1972, p. 140).

Como apontou Mário de Andrade, a força maior do projeto literário dessa obra é como o emaranhado de tensões é trabalhado na dimensão introspectiva das personagens. Todos os acontecimentos decisivos das três partes do romance vêm em uma onda de processos reflexivos absolutamente complexos, de modo que a chegada do estrangeiro a uma terra, em que irá se inserir na dinâmica de entusiasmo e retorno ao passado decadente, sintetiza, ao fazer funcionar o novo e a tradição em conflito, o enredo e é motor do romance, mas escapa, a essa síntese, essa outra esfera, importantíssima no romance, da psicologia das personagens. É nela que se travará, por exemplo, a busca pelo pertencimento de Edna e a luta decisiva pelo pertencimento de Nô e não compreendê-la trouxe uma perda significativa na recepção do romance quando foi publicado.

Tal funcionamento explica, portanto, muito da incompreensão da crítica da época que, presa à leitura cíclica que fazia da obra do autor, mal pôde enxergar a permanência do mesmo cerne literário. Assim como, em uma dificuldade também muito circunscrita a essa época de prestígio dos romances sociais, não compreendeu o trabalho introspectivo do romance. O que Mário de Andrade apontou e críticas contemporâneas têm revisitado, no entanto, é esse ponto nevrálgico da obra em que as trajetórias, conflitos e fatal decadência se dão no processo reflexivo da personagem, que culmina nessa impossibilidade e derrocada de todos os lugares possíveis. A entrada de Edna nas águas, se pode carregar o significado da renovação que o mar sempre traz, é também a reafirmação da impossibilidade de seu lugar social, seu único pertencer é o que está por toda parte e em parte nenhuma, que vive do fluir e refluir do contato com a sociedade em ruína.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, 1972.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1990 – 95.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Campinas: Edusp; Editora da Unicamp, 2006.
- CASTELLO, Jose Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. São Paulo, Edart, 1961.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. V. 5. São Paulo: Global, 2004.



GAIOTTO DE MORAES, R.; VIEIRA, V. S. Tensões identitária e culturais: o estrangeiro e o brasileiro em “Riacho Doce” (1939), de José Lins do Rego. *RevLet*, v. 09, nº1, p. 423 – 239, jan/jul, 2017.

REGO, José Lins. *Pureza; Pedra Bonita; Riacho Doce*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

Data de recebimento: 17/08/2018

Data de aprovação: 02/04/2019